

Exposição · 23 julho – 1 outubro 2017

Alberto Carneiro

Um campo depois da colheita para deleite
estético do nosso corpo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Durante cinco anos Alberto Carneiro mudou a face da arte portuguesa com a criação de três instalações que efetuavam uma ligação entre uma poética rural e a sua versão corporalizada do universo conceptual a que se vinha a aproximar desde a sua permanência em Londres durante o final da década de 1970. *O Canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente* (1968), *Uma floresta para os teus sonhos* (1970) e *Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo* (1973-76) são três ambientes imersivos que solicitam ao espectador que neles entre e relembre experiências primordiais de ligação à Natureza. Os dois primeiros têm sido vistos regularmente porque pertencem, respetivamente, à Coleção da Caixa Geral de Depósitos e à Fundação Calouste Gulbenkian. O terceiro, no entanto, tem sido muito menos mostrado pelas dificuldades que a sua apresentação possui: trata-se de uma instalação que utiliza centeio, disposto em medas de várias dimensões, adaptando-se ao espaço em que é mostrada. Apresentada pela primeira vez em 1976 no Porto, numa exposição no Museu

Soares dos Reis – em simultâneo com uma exposição de Ângelo de Sousa –, promovida pelo Núcleo de Arte Contemporânea dirigido por Fernando Pernes, foi só vista posteriormente na Fundação Calouste Gulbenkian e na Fundação de Serralves em 1991, aquando da retrospectiva organizada por Fernando Pernes e Sommer Ribeiro, e no Museu Machado de Castro, em Coimbra (embora numa versão diferente das anteriores). A sua dificuldade prende-se ao seu vínculo indissociável ao ciclo da Natureza, encontrando-se dependente do momento da colheita do centeio, acrescida agora da raridade deste cereal em Portugal, desaparecido em favor de uma presença dominante do trigo.

Para a apresentação desta instalação de Alberto Carneiro, ainda dialogada com o artista nos meses que antecederam o seu desaparecimento, um longo percurso necessitou de ser feito: encontrar quem se dispusesse a semear um campo de centeio no outono de 2016, esperar pelo seu crescimento e amadurecimento, acordar a colheita, a forma de transporte e instalação de acordo com as



instruções deixadas pelo artista e em colaboração com quem sabe tratar de centeio. Tal só foi possível pela parceria entre a Culturgest e o Ecomuseu de Barroso, no Município de Montalegre, que colocou ao serviço deste projeto os recursos necessários à sua realização. Assim, nos últimos dez meses esperamos que o centeio chegasse ao momento da colheita, adiámos o momento da inauguração porque as condições atmosféricas o determinaram e pudemos, finalmente, oferecer à fruição a instalação de Alberto Carneiro, uma memória do campo colocada no centro da cidade.

Alberto Carneiro desenvolveu, ao longo do seu percurso artístico (e desde muito cedo), uma mundividência pessoal na qual se cruzam aspetos autobiográficos oriundos do seu passado como santeiro e da sua vivência pessoal cosmopolita e erudita. Com uma formação realizada na prática das oficinas do Coronado (onde o háptico se substitui ao ótico, como o próprio Carneiro escreveu em 1990), viria a estudar na Escola de Belas-Artes do Porto e, posteriormente, na St. Martin's

School of Art em Londres. Durante o período londrino, Alberto Carneiro tomou contacto com o universo conceptual britânico sem, no entanto, perder a sua relação com a ruralidade da sua origem. Simultaneamente, um crescente interesse pelas filosofias orientais e pela ecologia levou-o a consolidar uma poética muito própria que suporta a sua teoria da unidade indissociável entre corpo e mente, entre corpo e cosmos tomados como declinações do mesmo. Trata-se de uma abordagem vitalista do processo artístico na qual o trabalho rural assume uma metamorfose ritualística transformando o lugar (a floresta, o campo, o canavial) em sensações materiais que se reportam a um corpo ausente. Essa ausência, colmatada pelo próprio espectador em deambulação pela obra, representa um eco de uma memória primordial de plenitude, de um momento de imersão na natureza como metáfora de uma ideia de totalidade.

É esta complexidade que Alberto Carneiro conseguiu sintetizar nesta obra fundamental do seu percurso que é *Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo*.



Sobretudo, porque esta é uma obra urbana, concebida para a cidade e nela abrindo uma heterotopia, ou seja, um outro lugar, uma outra camada de sentido e de possibilidade; e também uma heterocronia, um tempo diferente – ou uma vivência diferente do tempo, coexistente com o tempo do quotidiano. Não é, no entanto, uma obra nostálgica: a felicidade da sua fruição engole qualquer possibilidade de a entender como evocação ou remissão. O seu convite generoso para a partilha da sensação, o carácter sensual e envolvente do cheiro e do som dos passos na palha, são particularmente atuais na medida em que nos transportam para um sentido holístico em perda, mas abrem para a feliz vivência do momento.

Delfim Sardo

Between 1968 and 1973, Alberto Carneiro (Coronado, 1937 – Porto, 2017) produced three installations that proved crucial for the development of his own artistic career and for all subsequent Portuguese art: *The cane field*:

memory-metamorphosis of an absent body, dating from 1968, *A forest for your dreams*, from 1970, and *A field after harvest for the aesthetic delight of our body*, from 1973-1976. The three works compose tellurian situations in which the presence of the countryside, recreated in the exhibition space through the rigorous and careful organisation of elements from the cycle of nature, produces machines through which the visitor can travel in time and space.

This last work has not been seen in Porto since its original presentation at the Museu Soares dos Reis, in 1976. In order to present this installation at Culturgest, a large field had to be specially set aside and planted with rye, which was possible by the gracious collaboration of the Montalegre Municipal Council and the Ecomuseu de Barroso.

This is a rare opportunity to envelop oneself in the poetic environment of Alberto Carneiro's work, particularly when it is also possible to see the artist's two other key installations at the exhibition *Simultânea*, in Lisbon.



Fotografias © Arquivo Alberto Carneiro

Alberto Carneiro

(Coronado, 1937 – Porto, 2017)

Entre 1947 e 1958 Alberto Carneiro foi imaginário, tendo trabalhado nas oficinas de arte religiosa do Coronado, onde se iniciou nas tecnologias da madeira, pedra e marfim.

Estudou na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, tendo completado a licenciatura em escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e a pós-graduação na St. Martin's School of Art, em Londres.

Foi Professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, tendo ainda lecionado no Curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

Entre 1972 e 1985 foi responsável pedagógico pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, onde desenvolveu o projeto da Oficina de Interação Criativa.

Expôs individualmente desde 1967.

A sua obra encontra-se representada nas mais relevantes coleções institucionais portuguesas, como Museu de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Museu Berardo, Museu Nacional de Arte Contemporânea, Caixa Geral de Depósitos, EDP, entre outras.

Curadoria

Delfim Sardo

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

Susana Sameiro

Montagem

Equipa do Ecomuseu de Barroso /
Câmara Municipal de Montalegre,
com a coordenação de Otelo Rodrigues;
Bruno Fonseca, Hernâni Reis, Renato Ferrão

Agradecimentos

Câmara Municipal de Montalegre,
Ecomuseu de Barroso, Otelo Rodrigues,
Catarina Rosendo

Culturgest Porto

De quarta-feira a domingo, 12h30 – 19h30
Edifício CGD, Avenida dos Aliados n.º 104,
4000-065 Porto · Telefone: 22 209 81 16

www.culturgest.pt

Colaboração:

